

¿Y qué? A literatura como aproximação de mazelas latino-americanas: o caso das ditaduras

Flavia Rangel Pimenta Castellone¹

Apresentação

As ditaduras latino-americanas muito têm em comum em sua gênese e em seu desenvolvimento. Tendo em vista esse pressuposto, esta pesquisa tem por objetivo aproximar mazelas vividas nos Anos de Chumbo em diferentes lugares da América Latina e busca compreender, por meio da literatura, algumas das potenciais ligações entre contextos ditatoriais latino-americanos. Partindo do poema “Tecendo o canto”, de Pedro Tierra (1979), que conclama os torturados das ditaduras a compor “o vasto coro dos oprimidos”, propomos um breve passeio por textos literários que conectam de forma dialógica e polifônica as manifestações de opressão vivenciadas por presos políticos. Nesse sentido, também visamos a uma compreensão de possíveis razões pelas quais, de acordo com Kehl (2010), o Brasil tenha sido a única nação que anistiou os responsáveis pelo golpe sem ao menos uma cobrança formal de retratação pública pela barbárie empunhada – prisões arbitrárias, torturas, mortes, “desaparecimentos” -, o que perpetua a carência de elaboração da ferida exposta que é a ditadura militar no país, haja vista o contexto atual de atos golpistas em favor de um regime de exceção. Esse contexto hodierno brasileiro (e também o latino-americano, de forma mais abrangente) escancara, mais do que nunca, a importância do estatuto da memória.

A obra

O livro *Poemas do Povo da Noite* data de 1979 e é assinado pelo poeta Pedro Tierra – pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva. Escreveu seus versos no cárcere político, onde esteve entre os anos de 1972 e 1977 sob o julgo dos golpistas/torturadores. O prefácio da obra foi escrito pelo religioso e revolucionário ítalo-brasileiro Pedro Maria Casaldáliga, falecido em 2020. Sabe-se que prefácio é um gênero que introduz valorativamente uma produção e é escrito por aqueles que, no mínimo, despertam admiração e respeito por parte do autor e que contribuem, de forma orgânica, com as discussões empreendidas pelo enunciador. Portanto, podemos afirmar que Casaldáliga e Tierra comungam do mesmo horror pelo regime de exceção e que lutam do mesmo lado do front contra o autoritarismo. O religioso pontua que “os poemas seriam mais épicos do que líricos” e, em se tratando de poemas/relatos de um

¹ Professora da Secretaria do Estado da Educação do Espírito Santo (Sedu), doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Espírito Santo (Fapes).

sobrevivente, podemos afirmar que Casaldáliga tem razão: os versos são uma amostra da resistência empreendida por Tierra na prisão e que ganharam uma nova forma - dessa vez, poética.

Um pouco mais adiante, vemos o poema *Tecendo o canto* – o que aqui nos interessa analisar por seu caráter *convocatório*. Na epígrafe do texto, Pedro Tierra - terra fértil e abundante - convoca o exilado-professor argentino Alberto Szpunberg, o qual nos traz os seguintes dizeres: “Semeamos a terra com mortos que sem dúvida florescerão”². Seja na Argentina ou no Brasil, os mortos da ditadura se fazem presentes, regando a terra com o próprio sangue e assim fazendo com que floresça. Abaixo, segue o poema *Tecendo o canto*, na íntegra.

Tecendo o canto

Recolho no ar teu verso claro
À maneira dos cantadores
do meu país.

Hoje, silenciosa, a terra trabalha
seus mortos como quem nutre
sementes de luz.

Possa algum perseguido,
encerrado nos calabouços
da América,

alcançar meu verso humilde
e comporemos o vasto coro
dos oprimidos.

Não importa que hoje nos tremam os lábios
e a voz caminhe incerta
pela garganta,
se amanhã o canto
romperá na boca
de milhões.

Recolho entre as mãos teu verso
como o fuzil do companheiro
tombado.

Não importa que o corpo

² O texto de Tierra traz nos versos originais, aqui traduzimos livremente: “...Hemos sembrado la tierra con muertos que sin duda florecerán”. Ambos os discursos, o de Szpunberg e o de Tierra, unem-se dialogicamente, tecendo, assim, um canto que é coletivo.

de cada morto plantado
tarde a florescer.
(23/24, out. 74)

A análise

“Recolho no ar teu verso claro / à maneira dos cantadores/ do meu país” (Tierra, 1979, p.16). O eu poético pensado pelo autor faz sua enunciação “Tecendo o canto” como quem entoia – como quem *canta a dor*, trocadilho que alude aos cordelistas/trovadores, os quais, bem como o cantador-exilado, cantam as primícias e os desencantos de sua terra seca. Uma terra que, sendo árida, é também fecunda, porque grávida de esperanças suportadas por uma gente que não cansa na sua Esperança – do *esperançar* de Paulo Freire, outro desterrado brasileiro dos Anos de Chumbo.

“Hoje, silenciosa, a terra trabalha / seus mortos como quem nutre / sementes de luz” (Tierra, 1979, p.16). Hoje, o solo sob nossos pés é enriquecido pelo rubro fluxo derrubado em martírio; e o chão sob nós é generoso, pois não absorve sem razão a água da vida dos feridos, mas converte a dádiva em prodigalidade e generosidade. E esse germe luminoso é sinaleiro a luzir novos caminhos, que reconduzirão ao fim das dores e dos martírios: Esperança.

“Possa algum perseguido, / encerrado nos calabouços / da América // alcançar meu verso humilde/ e comporemos o vasto coro/ dos oprimidos” (Tierra, 1979, p.16). A polifonia sugerida pelo eu lírico é sinal desse *esperançar*, uma vez que nosso herói, resistente, não está sozinho na vivência do cárcere: ora no Brasil (1964-1985), ora na Argentina (1976-1983), ora no Chile (1973-1990), os regimes de exceção favorecidos pelos Estados Unidos se empenhavam em torturar e matar antagonistas. A evidente marca de proximidade entre os que sofrem na pele, em diferentes países latino-americanos, a guerra contra a ditadura, aqui posta pelo eu lírico, oferece-nos, mais uma vez, a Esperança, mesmo envoltos numa guerra caótica, injusta, e nos lembra João Cabral de Melo Neto, pois um galo apenas não constrói novos dias, novas manhãs (ou amanhã): se faz necessário gritar outra e outra vez, até que a democracia se torne firme sobre nossas cabeças, ou ainda, como nos canta Gal Costa, é preciso estar atento e mais forte do que nunca frente às novas iminências de ditaduras que insistem em se aproximar.

O escritor Eduardo Galeano nos provoca grandes reflexões sobre os Anos Sombrios. O ano era 1973. A ditadura militar no Uruguai teve início e andava a todo vapor. Juan José Nouched é o personagem. O preso político sofrera uma sanção de cinco dias de castigo por

violação do “regulamento”. “Noueched tinha sido castigado por estar com apenas uma das mãos nas costas. Noueched era maneta” (Galeano, 2009, p.60). Dessa forma, Galeano nos mostra o encarcerado de seu país como uma metonímia das sem-razões construídas pelos militares na ditadura, pois prender e torturar era nada mais do que uma burocracia (burra), de um método torpe e sádico, uma vez que não havia justificativa plausível para as violações empreendidas. No Brasil, nesse mesmo ano, viviam-se os Anos de Chumbo, assim como nesse mesmo período Pinochet, com seus militares, com apoio de parcela da população e novamente com a interferência ianque, toma de assalto o poder no Chile.

Nesse contexto, cabe citar o historiador Moniz Bandeira (2008), o qual nos mostra em sua obra *Fórmula para o caos* como os Estados Unidos conspiraram para a derrubada de democracias na América Latina. Em 1971, um braço da CIA em Santiago participava de um *complot* que culminaria no golpe de 1973. No mesmo ano de 1971, intensos conflitos sociais, bem como a interferência brasileira e norte-americana, conduziram ao Golpe de Estado na Bolívia. Todas essas ditaduras, somadas, enfraqueceram ainda mais nosso continente, já castigado por intenso histórico de exploração de suas vidas e de suas riquezas.

Por conseguinte, também recorremos ao sociólogo peruano Aníbal Quijano que nos alerta, em sua *Colonialidade do poder*, que o europeu cria a ideia de raça para mais facilmente justificar a necessidade de dominação do povo latino-americano: “[...] os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e consequentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais” (Quijano, 2005, p. 118). Hoje ainda, parte dos militares e militantes de extrema direita, por sua vez, veem no fantasma do comunismo iminente e no pânico moral as pautas que justificam seus intentos golpistas, conforme vimos recentemente no Brasil com uma quase reeleição de Jair Bolsonaro à presidência - mesmo após 4 anos de atentados sistemáticos à nossa sempre frágil democracia.

Ancorados em Quijano, vemos que as feridas inscritas na história do povo latino-americano começam antes, muito antes das ditaduras aqui instauradas. Martinelli Filho (2022, p.39) nos mostra que “Impedida, a memória se conserva forma latente, passível à repetição, à manifestação como sintoma, até a sua perlaboração”. Os assaltos ao nosso continente e a matança do nosso povo, empreendidos a partir do século XVI, não foram, portanto, tratados da maneira devida: ainda são fratura exposta, são ferida aberta e negligenciada apodrecendo em nossa carne, uma vez que o autoritarismo e a dominação cultural não só ainda se fazem

presentes, mas também estão em constante ameaça de retorno, manifestando-se nas novas formas de exploração de economias em ascensão como a nossa. Os Estados Unidos continuam sendo xerifes do mundo, como foram na questão das ditaduras latino-americanas. Além disso, fica evidente que o passado recente dos regimes de exceção não foram (per)laborados e se mostram perigosamente iminentes. Há que se enxergar com lucidez esse contexto latente em nosso tempo-espço. As pavorosas ocupações em frente aos quartéis, a que assistimos pelo país antes e após as últimas eleições presidenciais, são parte desse sintoma manifesto, escancarado.

Voltando a Galeano, no fundo (ou nem tanto), o que ele vem nos dizer é que não há razão para a tortura, racionalmente falando. Ela simplesmente surge da vontade de um tirano e, assim, vai se fazendo realidade nos corpos dos opositores políticos de um regime ditatorial, sobretudo pelo gozo sádico de imputar a outrem uma culpa inexistente, apenas para satisfazer o próprio ego. Martinelli Filho (2022, p.40-41) nos leva a inferir que a sanha do torturador acaba por se tornar mais um episódio da busca pelo gozo perdido. “A entrada no laço social, no entanto, se dá com a perda de gozo por meio da castração, restando a expectativa e a demanda incessante por esse gozo perdido (...)”. Logo, sob os pretextos de “conseguir a informação”, “vencer o fantasma do comunismo”, “prender os baderneiros”, o que se faz é satisfazer o gozo perdido por meio da tortura.

Beatriz Leal, no seu *Mulheres que mordem* (2015), mostra o personagem-torturador argentino García de Los Ríos, no ano de 1992, vivendo escondido no Brasil. O algoz, em sessões de terapia, explica que a tortura é “A parte chata e burocrática, que todo trabalho tem. Que nem quando você tem que preencher a guia do convênio” (Leal, 2015, p. 28). Com tal frieza a personagem descreve como era realizar a tortura: burocracia, ossos do ofício. No entanto, questionado pelo(a) terapeuta se tinha prazer em realizá-las, a personagem responde que “Não. Eu tinha colegas que tinham. Os invejava. Queria saber fazer aquilo com prazer [...]” (Leal, 2015, p.28). Assim, mesmo sendo uma obra de ficção, o livro nos dá uma dimensão desse gozo obscuro alcançado pela tortura e nos mostra do que é capaz um homem a serviço da ordem, que vive para cumpri-la e obedece a “regras” sem nunca questionar, como se matar pessoas fosse simplesmente fazer rodar as engrenagens de uma máquina, pois não se pensa, apenas se cumpre a ordem.

Pedro Tierra ainda continua seu canto: “Não importa que hoje nos tremam os lábios/ e a voz caminhe incerta / pela garganta, // se amanhã o canto romperá na boca de milhões”

(Tierra, 1979, p.16). A Esperança irrompe novamente de sua boca, ainda que a voz mais baixinha esteja cansada e ferida. Mesmo nesse cenário de terror, não é tempo de desistir; e a certeza de que outras vozes farão eco a sua é o que move o eu lírico nesse momento de angústia, de dor física e de dor psíquica. A Palavra, signo ideológico e simbólico, dá forças ao eu lírico para seguir em frente e vislumbrar uma manhã (amanhã).

“Recolho entre as mãos teu verso / como o fuzil do companheiro / tombado” (Tierra, 1979, p.16). Nesses belos e densos versos, o poeta joga com o adjetivo *tombado*: o companheiro pode estar ferido ou até morto, mas não derrotado. Esse cuidado na escolha e também a observância da polissemia da palavra - a qual também significa patrimônio público de valor histórico - eleva o status do camarada que luta a sua luta e vive as mesmas dores; novamente há aqui a Esperança, desta vez, marcada pela confiança na História, que um dia faria jus à luta pela democracia, que não foi em vão.

“Não importa que o corpo / de cada morto plantado / tarde a florescer” (Tierra, 1979, p.16). Cada companheiro morto é a semente de luz plantada (na segunda estrofe do poema). Mesmo que demorem a florescer, há a certeza de que é isso que vai acontecer. A luta pela liberdade e pela democracia é uma vitória certa (Esperança), não importa o tempo passado. Haverá novos galos que elevam o canto e que tecem novas manhãs (amanhã).

Em *Argentina, 1985* (2022), do diretor Santiago Mitre, vemos uma narrativa que expressa um bom exemplo a ser seguido e que aconteceu, de fato, no país vizinho. Emplacada pelos promotores Julio Strassera e Luis Moreno Ocampo, a luta pela punição dos militares pelas atrocidades cometidas ao longo da última ditadura militar argentina (1976-1983) ganhou fôlego e adesão popular, mesmo em face do endeusamento dos agentes militares por boa parcela da classe média. Após julgamento exaustivo, parte da cúpula da caserna foi condenada e presa. Esse gosto/gozo jamais nos foi dado aqui em terras brasileiras.

Para Maria Rita Kehl, esse apagamento reiterado que acontece em nosso país sobre as torturas e mortes ocorridas durante a ditadura naturalizam práticas violentas, as quais se convertem em grave sintoma social. “Soube, pelo professor Paulo Arantes, que a polícia brasileira é a única na América Latina que comete mais assassinatos e crimes de tortura na atualidade do que durante o período da ditadura militar” (Kehl, 2010, p.124). Nesse sentido, paira sobre nossas cabeças a dúvida: até que ponto a não elaboração dos crimes da ditadura brasileira interferem na nossa incapacidade de solucionar os problemas correntes relacionados à violência social/urbana.

A autora prossegue nos demonstrando que o sintoma social pode se agravar com o tempo. “A impunidade não produz apenas a repetição da barbárie: tende a provocar uma sinistra escalada de práticas abusivas por parte dos poderes públicos, que deveriam proteger os cidadãos e garantir a paz” (Kehl, 2010, p.124). Passamos os últimos quatro anos atestando isso na prática. Foram quatro anos de um presidente que atacava frontalmente a democracia e as instituições de direito; quatro anos de desrespeito às mulheres, aos negros, aos indígenas, às pessoas da comunidade lgbtqiapn+. Pesquisa mostrou que de janeiro de 2019 a maio de 2021, houve um crescimento de 270% das células neonazistas no Brasil³. Reflexo do endosso de um discurso de ódio institucionalizado, que subiu as rampas de Brasília no antigo governo executivo.

Considerações finais

Nesse sentido, vemos como o discurso violento se agrava percebendo a constituição violenta da nossa tecitura social, observando a ação de uma polícia violenta, que mata e criminaliza a pobreza e a negritude; ademais, percebemos a ascensão de milícias onde o Estado falha e não se aplica; feminicídios crescentes, genocídio da população preta nas periferias, guerra às drogas. Segundo informações do Atlas da Violência no Brasil 2021, em 2019 houve mais de 45 mil homicídios no país, número enormemente superior ao dos países que se encontram em guerra. Esses números escancaram uma triste realidade: a guerra existe e está aqui (também). Uma guerra real, cotidiana, não declarada, com resultados ainda mais perversos que os de qualquer guerra que conhecemos. Guerra que acontece amiúde, todo santo dia.

Assim, a tecitura do canto de Tierra se mostra dialógica, conectando mais do que outros martirizados, de diferentes nacionalidades, mas interligando sendas em teia, as quais revelam uma América Latina bombardeada pelos regimes ditatoriais que tomaram nossos países entre as décadas de 1960 e 1980. Unidos nessas mazelas, cabe a nós tratarmos nossas feridas conjuntamente, dialogicamente, pois nossas chagas são irmãs das chagas de uruguaios, argentinos, bolivianos, chilenos: é preciso perlaborar esses traumas conjuntamente a fim de estancar os sintomas e tratar, de uma vez por todas, as feridas às quais temos imprudentemente fechado nossos olhos. Tratando essa fase sombria da nossa história - nosso

³ A matéria do G1 que divulga os dados é de 16 de janeiro de 2021. Reportagem detalhada sobre os casos foi também veiculada no programa Fantástico, da Rede Globo. A maioria das células neonazistas estão na Região Sul do país. Não é de impressionar, uma vez que o Brasil teve o maior partido nazista fora da Alemanha e justamente nessa região brasileira, que recebeu o maior quantitativo de imigrantes alemães. O Partido Nazista era voltado para os alemães de nascimento, enquanto os descendentes que simpatizavam com os ideais fascistas somavam-se ao Partido Integralista, ambos extintos com a ascensão do Estado Novo de Getúlio Vargas.

dever ético, estético e político -, honramos as sementes de luz plantadas, o sangue derramado. Que os corpos mortos, nunca derrotados, sejam tombados como patrimônio histórico, sentido que nos fez crer Tierra.

REFERÊNCIAS

ARGENTINA, 1985. Santiago Mitre. 2022. 140 min. Disponível em: <Prime Video: Argentina, 1985>La Unión de Los Ríos. Acesso em: 13 dez. 2022.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2003.

CERQUEIRA, Daniel. *Atlas da Violência 2021*. São Paulo: FBSP, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LP&M, 2009.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132.

LEMO, Lara de. Inventário do medo. In: LEMO, Lara de. *Poesia completa I*. Porto Alegre: EDIPUCRS/Movimento, 2017.

LEAL, Beatriz. *Mulheres que mordem*. Rio de Janeiro: Motor; Imã Editorial, 2015.

MARTINELLI FILHO, Nelson. Sintoma, trauma, irrepresentabilidade. In: _____. *Formas de esquecer: o estatuto da memória em contos de Bernardo Kucinski*. São Carlos (SP): Pedro & João, 2021, p. 39-50.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005

TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.